

## [ARTIGO]

### **Entre a Inimizade e a Concórdia: lições éticas de duas fábulas**

Lara Passini Vaz-Tostes<sup>1</sup>

#### **INTRODUÇÃO**

As fábulas constituem um dos gêneros mais antigos da literatura universal e, ao mesmo tempo, dos mais perenes. Sua forma breve e sua clareza narrativa permitiram que atravessassem séculos como instrumentos de formação ética e social. Desde a tradição atribuída a Esopo, passando pela reelaboração latina de Fedro e chegando às adaptações modernas de La Fontaine, as fábulas conservaram sua dupla função: divertir e instruir. Calvino assinala que a fábula é “a literatura reduzida à sua ossatura mínima” (Calvino, 1992, p. 25), sugerindo que, ao destilar em imagens simples os dilemas humanos, ela atinge uma dimensão universal, capaz de interpelar leitores de diferentes épocas e culturas.

O interesse pelas fábulas, contudo, não deve ser lido apenas como curiosidade literária, mas como possibilidade de compreender a condição humana por meio de metáforas narrativas. Nietzsche observa que “o homem é o animal que promete” e que organiza sua existência em torno de

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda na PUC Minas, formada em Direito pela UFMG. Email: laravaztostes@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-1954-0452>

valores e narrativas (Nietzsche, 1887, p. 67). Nesse sentido, a fábula funciona como síntese simbólica de conflitos éticos que permanecem atuais: o impulso destrutivo da inimizade e a potência construtiva da concórdia.

O objetivo geral deste artigo é analisar duas fábulas específicas — *Dois inimigos* e *Os filhos do lavrador que se desentendiam* — para investigar de que modo elas oferecem lições éticas fundamentais a respeito do convívio humano. A primeira evidencia o paradoxo da inimizade: o sujeito é capaz de suportar a própria ruína contanto que testemunhe a derrota do outro, revelando a lógica do ressentimento. A segunda, em contraste, mostra que a concórdia é fonte de força e resistência, pois a união entre indivíduos, simbolizada pelo feixe de varas, torna-os inquebráveis diante da adversidade.

Como objetivos específicos, busca-se:

- Interpretar simbolicamente cada fábula, destacando suas imagens centrais (a nau que naufraga, o feixe de varas);
- Relacionar essas imagens a reflexões filosóficas clássicas e contemporâneas sobre inimizade, ressentimento, solidariedade e comunidade;
- Evidenciar a relevância ética e social dessas narrativas para o mundo contemporâneo, marcado por polarizações políticas, culturais e identitárias.

A metodologia utilizada é de natureza hermenêutico-interpretativa, característica dos estudos literários, filosóficos e culturais. Ricoeur enfatiza que “o símbolo dá a pensar” (Ricoeur, 1960, p. 32), ou seja, a interpretação não se limita a decifrar significados imediatos, mas a abrir horizontes de sentido que ultrapassam o texto em direção à vida prática. Desse modo, as fábulas aqui estudadas não serão lidas apenas como histórias moralizantes, mas como expressões condensadas de tensões antropológicas fundamentais. A análise será construída em diálogo com autores que pensaram a relação entre alteridade, comunidade e ética — entre eles Nietzsche, Lévinas, Hannah Arendt e Paul Ricoeur —, bem como com contribuições da psicologia moral, especialmente Jonathan Haidt, que

investigou o papel das narrativas na formação do juízo moral (Haidt, 2006, p. 45).

A validade externa do estudo apoia-se justamente nesse caráter universal e trans histórico das fábulas. Por não se restringirem a contextos particulares, elas funcionam como modelos que permitem refletir sobre comportamentos humanos em múltiplos cenários, do nível individual ao coletivo. Ao apresentar imagens arquetípicas, como a rivalidade mortal ou a união familiar, as fábulas alcançam pertinência para além de seu tempo histórico. Lévinas observa que “a presença do outro me obriga” (Lévinas, 1993, p. 54), e essa afirmação se relaciona diretamente com a moral das histórias: a inimizade cega conduz à autodestruição, enquanto a concórdia fortalece e protege. Assim, a análise empreendida não pretende apenas situar as fábulas em sua tradição literária, mas mostrar sua atualidade diante de problemas éticos contemporâneos, como o crescimento do ressentimento social, a fragmentação comunitária e a polarização política.

Portanto, a presente investigação se justifica pela necessidade de recuperar, em tempos de crise de diálogo, narrativas que convidam à reflexão sobre o sentido da convivência. A fábula dos inimigos alerta contra o veneno do ódio, capaz de transformar até a morte em espetáculo de vingança. A fábula dos filhos do lavrador, em contraste, aponta para o horizonte da solidariedade e da concórdia, lembrando que a força humana não está em destruir o adversário, mas em preservar os vínculos que tornam a vida possível. Dessa forma, este artigo propõe que a leitura conjunta dessas duas narrativas constitui não apenas um exercício literário, mas também uma contribuição ética, válida para a compreensão de nossa realidade presente.

## A LÓGICA DA INIMIZADE

A fábula *Dois inimigos* apresenta um enredo mínimo, mas carregado de densidade ética: dois homens, presos na mesma nau prestes a naufragar, não conseguem suspender sua rivalidade mesmo diante da iminência da morte. Um deles encontra consolo não na possibilidade de salvação, mas no

fato de que seu adversário sucumbirá antes. A simplicidade narrativa concentra uma percepção profunda da condição humana: o impulso de transformar a presença do outro em ameaça, de modo que até a ruína pessoal parece aceitável, desde que acompanhada pelo sofrimento alheio.

Esse paradoxo revela o mecanismo do ressentimento. Nietzsche define o ressentimento como afeto reativo, que não se limita a registrar a experiência de uma ofensa, mas a transforma em critério de valoração da vida (Nietzsche, 1998, p. 67). O inimigo deixa de ser apenas alguém com quem se disputa algo concreto e torna-se eixo em torno do qual o sujeito organiza sua própria existência. O personagem da fábula não deseja viver mais; deseja apenas ver o outro morrer primeiro. O prazer da vingança suplanta o instinto de autopreservação.

Do ponto de vista psicológico, esse mecanismo pode ser entendido como uma distorção cognitiva: a atenção seletiva ao sofrimento do outro anestesia a percepção da própria ameaça. Jonathan Haidt observa que as emoções morais podem induzir o ser humano a escolhas irracionais, priorizando a punição do adversário em detrimento do próprio bem-estar (Haidt, 2006, p. 45). A narrativa literária antecipa essa intuição: a morte iminente é secundária, desde que a ordem simbólica da rivalidade se cumpra.

Filosoficamente, a fábula mostra que a inimizade é uma relação ambígua: ao mesmo tempo em que conecta, rompe. Conecta, porque a identidade de cada personagem só se configura em oposição ao outro. Rompe, porque essa ligação não permite abertura para a escuta ou para a cooperação. Emmanuel Lévinas afirma que “a presença do outro me obriga” (Lévinas, 1993, p. 54). A alteridade, nesse sentido, deveria constituir um chamado ético. Entretanto, na fábula, o outro não é rosto que interpela, mas objeto de vingança. Não existe reconhecimento da humanidade alheia; apenas a satisfação mórbida de vê-la perecer.

Do ponto de vista político, a lógica da inimizade, simbolizada pela nau que afunda, pode ser lida como alegoria das guerras e polarizações sociais. Hannah Arendt argumenta que a política só se sustenta na

capacidade de agir em conjunto (Arendt, 2001, p. 212). Quando esse agir comum é substituído pela obsessão em derrotar o inimigo, a comunidade perde sua força e se destrói por dentro. A embarcação que se rompe sob as ondas representa a sociedade que, ao dividir-se, acelera seu próprio colapso.

Além disso, a fábula sugere um aspecto mais profundo: a inimizade radicaliza o narcisismo negativo. O inimigo funciona como espelho no qual projetamos o que recusamos em nós mesmos. Nietzsche já havia indicado esse mecanismo ao mostrar que o ressentimento cria valores invertidos, construídos não a partir da afirmação, mas da negação do outro (Nietzsche, 1998, p. 69). O personagem da fábula não é guiado por amor à vida, mas por ódio ao outro. A náusea do naufrágio, paradoxalmente, é transformada em satisfação subjetiva.

Esse fenômeno não é apenas individual, mas estrutural. Ricoeur afirma que os símbolos operam como revelações condensadas de estruturas humanas universais (Ricoeur, 1960, p. 32). A imagem da nau em ruína, partilhada por inimigos que não cooperam, revela a tendência humana à autodestruição quando o ódio ocupa o lugar da solidariedade. A cena sugere que a inimizade é força que desintegra laços, mesmo quando a sobrevivência exigiria o contrário.

Por fim, a leitura hermenêutica da fábula permite entender a inimizade como falência ética. A vida deixa de ser afirmada em sua positividade e passa a ser medida apenas pela negatividade da perda alheia. O naufrágio não é apenas um acidente: é a imagem da própria condição humana submetida ao domínio da vingança. Em vez de se unirem para buscar salvação, os personagens preferem alimentar o desejo de destruição mútua, tornando-se cúmplices de sua própria perda. Nesse ponto, a fábula denuncia não apenas um vício individual, mas uma tendência coletiva: quando a hostilidade é absoluta, o outro não é reconhecido como humano, e a comunidade inteira se perde.

## **A FORÇA DA CONCÓRDIA**

Se a fábula dos inimigos revela a esterilidade da hostilidade, a narrativa dos *Filhos do lavrador que se desentendiam* apresenta o contraponto: a potência transformadora da concórdia. A história é atribuída a Esopo, o grande compilador da sabedoria popular grega. Nela, um pai, preocupado com as constantes brigas entre os filhos, pede que tentem quebrar um feixe de varas. Enquanto unidas, as varas resistem; quando separadas, quebram-se facilmente. A moral é clara: a discórdia fragiliza, a união fortalece (Esopo, 2005, p. 73).

### A TRADIÇÃO CLÁSSICA DA CONCÓRDIA

Essa fábula tornou-se uma das mais difundidas em diferentes versões. Fedro, em sua adaptação latina, já havia explorado a mesma imagem, e La Fontaine, no século XVII, retomou-a em sua coletânea, mostrando a permanência dessa intuição através dos séculos. Calvino, ao refletir sobre o gênero, observou que “a fábula preserva imagens que, ao mesmo tempo, são elementares e indestrutíveis” (Calvino, 1992, p. 41). O feixe de varas é justamente uma dessas imagens elementares, cuja validade simbólica não se esgota.

### A METÁFORA DA COESÃO

A concórdia, simbolizada pela resistência do feixe, corresponde a uma verdade antropológica: o ser humano, isolado, é vulnerável; em comunidade, encontra resiliência. Hannah Arendt enfatiza que a força da ação política surge apenas quando indivíduos agem em conjunto, pois “o poder nunca pertence a um indivíduo, mas a um grupo” (Arendt, 2001, p. 212). A metáfora da concórdia é, portanto, não apenas moral, mas também política: é a união que torna possível resistir às forças externas de dissolução.

Essa ideia é confirmada pela psicologia social contemporânea. Jonathan Haidt observa que a cooperação entre indivíduos evoluiu como mecanismo de sobrevivência, uma vez que os grupos capazes de coordenar esforços tiveram mais chances de resistir às adversidades (Haidt, 2006, p.

89). A fábula, ao antecipar esse princípio, mostra como o vínculo solidário é condição para a vida em comum.

### **A CONCÓRDIA COMO ÉTICA DA ALTERIDADE**

Do ponto de vista filosófico, a concórdia representa uma ética da abertura ao outro. Emmanuel Lévinas defende que o rosto do outro me convoca a uma responsabilidade que não pode ser recusada (Lévinas, 1993, p. 54). O lavrador da fábula traduz pedagogicamente essa intuição: a existência dos filhos só encontra força quando se reconhecem mutuamente como parte do mesmo feixe. O que se resiste não é apenas a violência externa, mas a própria tentação da discórdia.

Ricoeur, ao refletir sobre a narrativa e a identidade, sugere que o ser humano só encontra coerência ao integrar sua vida em histórias que ligam o eu ao outro (Ricoeur, 1991, p. 114). Nesse sentido, a fábula é também alegoria da constituição narrativa da identidade: separados, os indivíduos se quebram como fragmentos; unidos, tornam-se capazes de sustentar um enredo comum.

### **A VALIDADE UNIVERSAL DA FÁBULA**

A universalidade dessa fábula explica sua permanência ao longo dos séculos. Em culturas diferentes, o mesmo ensinamento reaparece: a concórdia gera resiliência. Essa validade externa, conforme lembra Calvino, é o que permite às fábulas atravessar gerações sem perder atualidade (Calvino, 1992, p. 39). A pedagogia do lavrador, ainda que situada num contexto agrícola e arcaico, continua pertinente em tempos de fragmentação social e polarização política.

Se a primeira fábula mostrava a “nau da inimizade” como metáfora da autodestruição, esta apresenta o “feixe da concórdia” como metáfora da resistência coletiva. A lição é dupla: a inimizade conduz à morte partilhada, enquanto a concórdia protege e fortalece.

### **ENTRE RUÍNA E RESISTÊNCIA: A CONDIÇÃO HUMANA**

Colocar em contraponto as duas fábulas analisadas — *Dois inimigos* e *Os filhos do lavrador que se desentendiam* — é reconhecer que nelas se encontram condensadas duas possibilidades radicais da existência humana. Em uma, a inimizade converte-se em lógica de destruição mútua: o sujeito se consola não em sua própria sobrevivência, mas na certeza da queda do outro. Em outra, a concórdia é apresentada como força que ultrapassa a fragilidade individual: separados, os homens quebram-se facilmente; unidos, tornam-se inquebráveis. Essa tensão entre ruína e resistência não é apenas tema moral, mas estrutura simbólica que perpassa culturas, sociedades e momentos históricos, repetindo-se sob diferentes formas, como se fosse um dilema arquetípico.

A fábula dos inimigos evidencia o que Nietzsche denominou de triunfo da moral reativa, em que o ressentimento toma o lugar da afirmação e passa a ser o critério fundamental de valoração da vida. Ao invés de agir para preservar-se ou criar, o indivíduo passa a existir apenas em função da derrota do outro, de modo que “o inimigo se torna o verdadeiro ponto de apoio da identidade” (Nietzsche, 1998, p. 69). Na cena do naufrágio, a obsessão pela vingança cega é tão poderosa que supera até mesmo o instinto de sobrevivência, sugerindo que o ódio não é apenas um afeto contingente, mas uma força capaz de corroer os fundamentos da vida. Longe de se restringir ao plano individual, essa lógica se reproduz em coletividades: povos, partidos ou classes sociais podem afundar juntos, desde que tenham a ilusão de assistir à queda do adversário.

A metáfora da nau que se parte, nesse sentido, deve ser lida como alegoria das sociedades que se deixam capturar pela polarização. Hannah Arendt recorda que o poder político não reside em indivíduos isolados, mas na capacidade de agir em conjunto, na pluralidade que sustenta a ação coletiva (Arendt, 2001, p. 213). Quando essa pluralidade é destruída pelo ressentimento, o que resta não é o fortalecimento de nenhum grupo, mas a dissolução de todos. A hostilidade interna, em vez de proteger, acelera a fragilidade, e a morte comum se torna o destino inevitável.



Em contraposição, a fábula dos filhos do lavrador, atribuída a Esopo, revela de modo pedagógico a verdade oposta: é somente na união que se encontra a força. O feixe de varas, resistente enquanto unido e frágil quando dividido, tornou-se uma das imagens mais difundidas na tradição ocidental, reaparecendo em Fedro e em La Fontaine, sempre com a mesma moral de fundo: a concórdia é a condição para a sobrevivência. Calvino observa que a persistência dessa imagem não é acaso, mas expressão de sua natureza elementar: “a fábula preserva imagens que, ao mesmo tempo, são elementares e indestrutíveis” (Calvino, 1992, p. 41). Essa indestrutibilidade simbólica explica por que a lição continua atual: a sociedade fragmentada quebra-se facilmente, ao passo que a coesa resiste.

Do ponto de vista filosófico, a concórdia pode ser entendida como forma de reconhecimento da alteridade. Emmanuel Lévinas sustenta que o rosto do outro é sempre um chamado ético que nos obriga (Lévinas, 1993, p. 54). O pai que apresenta o feixe aos filhos traduz essa intuição em gesto narrativo: somente ao reconhecerem uns aos outros como partes de uma mesma unidade é que os filhos podem encontrar força. Nesse sentido, a fábula não trata apenas da cooperação prática, mas da estrutura da responsabilidade mútua que constitui a vida humana. Sem essa responsabilidade, os indivíduos se quebram como varas dispersas; com ela, tornam-se resistentes como feixe unido.

A psicologia moral contemporânea confirma essa intuição ancestral. Jonathan Haidt mostrou que a cooperação evoluiu como estratégia adaptativa, pois grupos que desenvolveram laços de solidariedade tiveram mais chances de sobreviver diante de adversidades ambientais e sociais (Haidt, 2006, p. 89). A fábula do lavrador, ao dramatizar em linguagem simples esse princípio, antecipa o que hoje a ciência reconhece: a sobrevivência humana não é produto da competição isolada, mas da capacidade de agir coletivamente. Assim como a inimizade conduz ao naufrágio, a concórdia possibilita atravessar as tempestades.

Ricoeur, ao refletir sobre a função dos símbolos, lembra que eles não se reduzem a significados imediatos, mas abrem horizontes de sentido

para a interpretação (Ricoeur, 1960, p. 32). O naufrágio e o feixe, nesse sentido, não devem ser entendidos apenas como ilustrações didáticas, mas como imagens arquetípicas que revelam alternativas fundamentais da existência. A primeira aponta para a autodestruição coletiva quando o ressentimento se torna princípio; a segunda, para a possibilidade de resistência quando a concórdia se transforma em prática. Ambas condensam em forma narrativa a ambivalência da vida em comunidade: ou somos tragados pela hostilidade que divide, ou encontramos sustentação no vínculo que une.

Diante disso, pode-se dizer que as duas fábulas operam como espelhos éticos. No espelho da inimizade, o ser humano se vê reduzido à sombra do outro, alimentando-se da queda alheia até perecer consigo mesmo. No espelho da concórdia, descobre-se como parte de um todo, reconhecendo que sua fragilidade individual pode ser compensada pelo vínculo com os demais. Essa escolha entre ruína e resistência atravessa a história humana e permanece atual em tempos de crises e polarizações. Ao preferir a lógica do inimigo, a sociedade aproxima-se do naufrágio; ao escolher a lógica do feixe, encontra a possibilidade de permanecer.

Assim, entre a ruína da inimizade e a resistência da concórdia, a condição humana se desdobra. O naufrágio e o feixe de varas não são apenas histórias do passado, mas símbolos que continuam a iluminar os dilemas do presente. Enquanto um recorda o perigo de deixar-se guiar pelo ressentimento, o outro insiste na necessidade da solidariedade como fundamento ético da vida em comum. A lição, apesar de antiga, é atual: unidos, resistimos; divididos, quebramo-nos.

## CONCLUSÃO

As duas fábulas aqui analisadas - *Dois inimigos* e *Os filhos do lavrador que se desentendiam* - condensam, em imagens aparentemente simples, uma das mais profundas tensões da condição humana: a escolha entre a lógica da inimizade, que conduz ao colapso, e a lógica da concórdia, que possibilita a resistência. Esse contraste, longe de ser apenas uma lição moral

elementar, mostra-se como uma estrutura simbólica que atravessa culturas, atravessa a filosofia e permanece atuante em nossos dilemas contemporâneos.

Na primeira fábula, a cena da nau prestes a afundar ilustra de modo radical a miopia da hostilidade. O inimigo não é visto como outro a ser reconhecido, mas como objeto de vingança. A satisfação mórbida de ver o adversário morrer antes do naufrágio converte-se em consolo, ainda que isso signifique perecer em seguida. Como indicou Nietzsche, o ressentimento é capaz de inverter valores e de tornar a vida negativa, fundada na derrota do outro, e não na criação de si (Nietzsche, 1998, p. 69). A fábula antecipa, em sua concisão, esse diagnóstico filosófico: a vida pode ser sacrificada desde que o inimigo sucumba primeiro. Essa é a falência ética que se manifesta sempre que o ódio se torna princípio de ação — no indivíduo, nos grupos, nas nações.

Na segunda fábula, em contraste, encontramos a imagem pedagógica do feixe de varas. O pai, preocupado com as disputas dos filhos, lhes ensina com gesto simples que a discórdia leva à fragilidade e que somente a união oferece força real. A moral é direta, mas seu alcance é imenso. Ao longo dos séculos, a mesma narrativa reaparece em Fedro, em La Fontaine e em inúmeras tradições orais, reafirmando a universalidade do símbolo (Esopo, 2005, p. 73; Fedro, 2000, p. 45; La Fontaine, 1995, p. 61). Como observa Calvino, “a fábula preserva imagens elementares e indestrutíveis” (Calvino, 1992, p. 41). O feixe é justamente uma dessas imagens, cuja simplicidade não reduz, mas potencializa seu alcance.

Colocadas lado a lado, essas fábulas nos convidam a refletir sobre o modo como nos relacionamos com os outros e como organizamos a vida coletiva. Emmanuel Lévinas lembra que “a presença do outro me obriga” (Lévinas, 1993, p. 54), e essa afirmação nos ajuda a compreender a diferença entre as duas narrativas: na primeira, o outro é negado como alteridade, reduzido a inimigo a ser destruído; na segunda, o outro é reconhecido como parte de uma totalidade solidária, sem a qual cada indivíduo permanece vulnerável. Hannah Arendt, em consonância, defende que o poder político

não é atributo individual, mas resultado do agir conjunto (Arendt, 2001, p. 213). O feixe de varas é, nesse sentido, tradução narrativa dessa concepção: a força só existe no vínculo, e o vínculo é o que torna possível a permanência da comunidade.

A pertinência dessas imagens para o presente é notável. Vivemos em tempos de fragmentação social, em que o discurso da inimizade retorna sob novas formas: polarizações políticas, radicalizações ideológicas, disputas identitárias que, em muitos casos, substituem o diálogo pela lógica da destruição mútua. O risco, como sugere a metáfora do naufrágio, é que comunidades inteiras pereçam juntas, iludindo-se com a queda do adversário sem perceberem que partilham a mesma embarcação. Do outro lado, a concórdia permanece como possibilidade de resistência, lembrando que apenas unidos é possível enfrentar crises globais como mudanças climáticas, desigualdade, violência e instabilidade política. A pedagogia do lavrador não perdeu atualidade: divididos, somos frágeis; unidos, somos mais fortes.

Essa tensão entre ruína e resistência é também uma chave de leitura antropológica. Ricoeur lembra que “os símbolos não se esgotam em significados fixos; eles abrem horizontes de sentido” (Ricoeur, 1960, p. 32). O naufrágio e o feixe de varas são símbolos que ultrapassam a moral imediata das fábulas. O primeiro mostra a sombra do ressentimento que corrói os vínculos; o segundo, a possibilidade de constituir comunidade. O ser humano é sempre chamado a escolher entre essas duas forças. E é precisamente nesse chamado que reside a validade externa das fábulas: elas continuam a nos interpelar porque falam de escolhas que nunca deixamos de enfrentar.

Por isso, ao concluir esta reflexão, podemos dizer que a força das fábulas não está apenas em seu conteúdo moralizante, mas em sua capacidade de simbolizar dilemas universais de forma acessível e memorável. A fábula dos inimigos nos adverte que a inimizade absoluta não oferece vitória, apenas ruína. A fábula do lavrador nos lembra que a concórdia é a única saída para a vulnerabilidade da vida. Juntas, elas

compõem uma dialética que atravessa séculos: hostilidade ou solidariedade, vingança ou cuidado, ruína ou resistência.

A atualidade dessas histórias, portanto, não deve ser subestimada. Elas permanecem como faróis em meio às tempestades sociais, apontando para escolhas que, embora simples em aparência, decidem o destino coletivo. Cabe-nos, como leitores e como participantes da vida em comunidade, reconhecer a advertência e a esperança de que nelas se encontram: se escolhermos a lógica da inimizade, afundaremos juntos; se escolhermos a lógica da concórdia, resistiremos unidos. O naufrágio e o feixe não são apenas imagens literárias, mas metáforas éticas da própria humanidade.

### Referências Bibliográficas

- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ESOPO. *Fábulas completas*. Tradução de Neide Smolka. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FEDRO. *Fábulas*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- HAIDT, Jonathan. *The Happiness Hypothesis: Finding Modern Truth in Ancient Wisdom*. New York: Basic Books, 2006.
- LA FONTAINE, Jean de. *Fábulas completas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1993.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998 [1887].
- RICOEUR, Paul. *La symbolique du mal*. Paris: Aubier, 1960.
- RICOEUR, Paul. *Soi-même comme un autre*. Paris: Seuil, 1991.

**ENTRE A INIMIZADE E A CONCÓRDIA: LIÇÕES ÉTICAS DE DUAS FÁBULAS**

**RESUMO**

Este artigo analisa duas fábulas clássicas — Dois inimigos e Os filhos do lavrador que se desentendiam — como metáforas da condição humana frente ao conflito e à cooperação. A primeira revela o paradoxo da inimizade: o sujeito pode suportar sua própria ruína desde que testemunhe o sofrimento do outro, numa lógica de ressentimento que conduz ao colapso coletivo. A segunda mostra, em contraste, a força da união: a coesão, simbolizada pelo feixe de varas, torna os indivíduos invencíveis diante das adversidades. A leitura conjunta das fábulas permite refletir sobre dilemas atuais, da vida em comunidade à política, demonstrando que a sobrevivência humana não depende da derrota do inimigo, mas da capacidade de concordância e solidariedade.

**Palavras-chave:** Fábula; Inimizade; Concórdia; Ética; Convivência.

**BETWEEN ENMITY AND CONCORD: ETHICAL LESSONS FROM TWO FABLES**

**ABSTRACT**

This article analyzes two classical fables — Two Enemies and The Farmer's Quarreling Sons — as metaphors of the human condition in the face of conflict and cooperation. The first one exposes the paradox of enmity: a person may endure their own ruin as long as they witness the downfall of their adversary, a logic of resentment that leads to collective collapse. The second highlights, in contrast, the strength of unity: cohesion, symbolized by the bundle of sticks, makes individuals invincible against adversity. Read together, the fables invite reflection on contemporary dilemmas, from community life to politics, showing that human survival depends less on the enemy's defeat than on the ability to achieve concord and solidarity.

**Keywords:** Fable; Enmity; Concord; Ethics; Community.